

### **Laredo**

Apesar do calor, parecia que tudo ia bem na fronteira texana com o México. Os oficiais da alfândega americana em Laredo garantiram que os médicos brasileiros poderiam visitar a cidade mexicana de Nuevo Laredo sem problema nenhum para regressar. Todos tinham passaporte e visto regularizado. Dois minutos depois estávamos cercados pela imigração, alfândega, enfim, todo tipo de meganha armado fechando o cerco em torno da gente.

Tudo isso porque pedi a um dos visitantes que me tirasse uma foto ao lado de um carro da alfândega. Avançaram falando grosso e ameaçando confiscar a minha câmera como se a gente tivesse posto em risco a segurança nacional. Rapidinho o companheiro me devolveu a câmera e olhamos atônitos aquele exército de homens armados à nossa volta.

--Cadê a placa dizendo que é proibido tirar fotos? perguntei.

Aí hesitaram, mas só um pouquinho. Não havia placa de advertência, mas mesmo assim eles queriam proibir. A câmera escapou do confisco quando descobriram que trabalho com as mesmas burocracias... sou intérprete de português na imigração e nos tribunais federais. Policiais, juízes, advogados e 'coiotes' fazem parte do meu cotidiano. Minha câmera é companheira fiel que não vendo, não troco e não dou.

Os primeiros oito anos dessas missões na fronteira mexicana foram rotineiras. Mas com a nova versão de Jihad versus Cruzada que detonou em setembro de 2001, tudo mudou de figura. O Serviço de Imigração, carinhosamente apelidado de 'Tia Mimi', foi substituído pelo Departamento de Segurança do Solo Pátrio e o clima morno desta fronteira gelou.

### **La Zona Rosa**

Jantamos em Nuevo Laredo e - após o show com mariachis gays - fomos trabalhar. A visita fazia parte de uma colaboração entre órgãos dos governos americano e brasileiro encarregados de combater a epidemia de Aids. Estávamos num furgão oficial do Departamento de Saúde do Município de Laredo, evitando assim pagar os US\$3 da tarifa de travessia. O grupo era formado por uma dúzia de médicos e burocratas da área de saúde - funcionários públicos fazendo vistoria de *Boystown*, uma 'zona' ali da fronteira tida como foco de infecção. Parecia um safári, aquela nossa caravana de furgões navegando uma favela populada por meretrizes e travestis. Mas a coisa só ficou feia quando voltamos ao posto da fronteira na terra da estátua da liberdade.

### **Blitz**

Era quase meia-noite quando chegamos, cansados, de volta à fronteira. Os oficiais olharam aquele furgão municipal, folhearam os passaportes brasileiros, colaram um papel oficial no pára-brisas e mandaram estacionar. Não sabíamos se era por causa da reciprocidade ou resultado da mordomia - dos US\$3 que não pagamos ao atravessar a ponte.

O governo americano acha muito natural fazer ficha fotográfica e datiloscópica dos brasileiros que entram no país. É lógico que acham o cúmulo da arrogância, desacato, discriminação até, o governo brasileiro tomar providências exatamente idênticas com os americanos que entram lá. Sempre que viajo a São Paulo tiram minha foto e impressões com muito profissionalismo e sem perder tempo. Confesso que sou partidário desta política de reciprocidade que, afinal, foi invenção do governo dos EUA. Mas nem todos vêm assim.

Desceram os brasileiros curiosos e seu intérprete mal-humorado para uma bela sessão de reciprocidade. Examinaram, xerocaram e pesquisaram no computador os passaportes um por um. O encarregado digitava tudo com o dedo indicador da mão direita enquanto conversava em tex-mex com o companheiro. Foi um chá de cadeira de mais de uma hora - sendo examinados por dois departamentos do governo. Os brasileiros, sorridentes e bem-humorados, levaram tudo na brincadeira até que finalmente nos liberaram. Dali até o hotel eram mais 200 metros; melhor assim pois estávamos mortos de cansaço. Na secretária eletrônica do quarto havia várias mensagens - todas da minha mulher - querendo saber o que é que eu andava fazendo em puteiro mexicano a quase 2h da madrugada.